



AS REPRESENTAÇÕES DA RELIGIOSIDADE AFRO-AMERICANA NA MÍDIA BRASILEIRA E A CONSTRUÇÃO DE UM IMAGINÁRIO POPULAR RACISTA (1950-2022)

REPRESENTATIONS OF AFRO-AMERICAN RELIGIOUSITY IN THE BRAZILIAN MEDIA AND THE CONSTRUCTION OF A RACIST POPULAR IMAGINARY (1950-2022)

André Luiz Pereira Pinho¹

RESUMO

Este artigo aborda as representações da religiosidade afro-americana na mídia brasileira ao longo do período de 1950 a 2022, analisando como essas representações contribuíram para a construção de um imaginário popular marcado pelo racismo e pelo preconceito. Por meio de uma análise crítica de trechos de livros e filmes, este estudo examina as principais características das representações midiáticas, suas consequências e o impacto na percepção pública das religiões afro-americanas. Ao destacar essas representações e suas relações com a construção de estereótipos, busca-se compreender como a mídia pode reproduzir preconceitos e contribuir para a marginalização das tradições religiosas afro-americanas.

PALAVRAS-CHAVE: Religiosidade afro-americana. Mídia. Imaginário popular. Racismo. Preconceito.

ABSTRACT

This article addresses the representations of african-american religiosity in the Brazilian media over the period from 1950 to 2022, analyzing how these representations contributed to the construction of a popular imagination marked by racism and prejudice. Through a critical analysis of excerpts from books and films, this study examines the main characteristics of media representations, their consequences and the impact on the public perception of african-american religions. By highlighting these representations and their relationships with the construction of stereotypes, we seek to understand how the media can reproduce prejudices and contribute to the marginalization of african-american religious traditions.

KEYWORDS: African-american religiosity. Media. Popular imagination. Racism. Prejudice.

¹ Graduado em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes). E-mail: andrelluiz999@gmail.com.



1 INTRODUÇÃO

O presente artigo faz uma análise das representações das religiosidades afro-diaspóricas nas mídias em geral, principalmente no que tange aos programas televisivos e às produções cinematográficas brasileiras e internacionais, principalmente estadunidenses, que chegam todos os anos ao público nacional. A pesquisa tem como ponto chave demonstrar como estas representações, que muitas vezes se mostram inofensivas e inocentes, acabam por gerar um imaginário popular racista e preconceituoso que, por sua vez, alimenta a opressão, a discriminação e a baixa autoestima dos religiosos de matriz africana na diáspora brasileira.

Para a escrita deste artigo, foram utilizadas diversas fontes como produções audiovisuais, novelas, filmes, entrevistas e desenhos animados, como por exemplo, os filmes “Bad Boys” e “Scooby-Doo: The Zumbi Island”; séries em desenho animado como “Pica-pau” e episódios de programas televisivos de humor como “Chico Anysio Show”, sucesso de audiência da TV brasileira na segunda metade do século XX. Essas produções foram analisadas por meio de uma ótica crítica sobre a representação do negro, sua cultura e sua religiosidade no continente americano, assim como as consequências desta representação para a população em geral e sua participação na formação de uma ideia pública de racismo religioso. Para isso, o arcabouço teórico aplicado foi montado com o auxílio de referências bibliográficas de autores negros de diversos campos do pensamento científico, brasileiros ou não, como é o caso do psiquiatra Frantz Fanon, do antropólogo Kabengele Munanga, dos sociólogos Muniz Sodré e Lélia Gonzáles, dentre outros, além da análise bibliográfica de falas e entrevistas de conhecidos sacerdotes da religiosidade afro-brasileira, como a Mãe Beata de Iemanjá.

A produção deste artigo tem como objetivo debater questões pouco discutidas no meio acadêmico até o presente momento, tendo em vista a união de dois temas que na maioria das vezes são trabalhados de maneira separada na academia: de um lado, a cultura e a religiosidade afro-brasileira e afro-americana em geral e, de outro, o estudo das mídias, seus desdobramentos e poder de influência na sociedade.

O artigo também discute como anos de exposição midiática e repercussão repetidamente negativa sobre determinado tema, fato ou grupo social podem trazer consequências graves para as pessoas e modificar sua forma de enxergar o meio no qual se encontram inseridas, alimentando o



preconceito, o ódio, a estranheza e a violência contra minorias sociais expostas diariamente através dos mais variados meios de comunicação.

2 A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO NEGATIVO ATRAVÉS DAS REPRESENTAÇÕES MIDIÁTICAS

A mídia desempenha um papel fundamental na sociedade contemporânea, influenciando a formação de opiniões, valores e imagens sociais. No contexto brasileiro, ela exerce um poder significativo na construção do imaginário popular, incluindo as representações das religiões afro-brasileiras.

Para compreendermos a mídia e como ela pode agir de maneira contrária ao bem-estar de um povo ou de determinado grupo social, é necessário que entendamos seu conceito. Segundo o dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, o termo “mídia” refere-se a um conjunto de meios e canais de comunicação que desempenham o papel de transmitir informações, notícias, entretenimento e outras formas de conteúdo para um público específico.

Porém, sabe-se que o conceito de mídia vai muito além desta definição. Vivemos em uma sociedade em que o racismo ainda se encontra arraigado devido a heranças perversas do sistema escravista que estruturou o país por quase quatrocentos anos. E a mídia, sendo fruto das relações sociais humanas e fazendo parte da sociedade brasileira, inevitavelmente reproduz representações racistas e preconceituosas que, repetidas à exaustão, contribuem para gerar um ciclo vicioso que retroalimenta o problema a ser identificado neste artigo: a demonstração e, conseqüentemente, a construção da imagem do negro como sujo, selvagem, marginal e vadio, e sua cultura como sendo tola, fetichista, maligna e diabólica.

Destarte, é preciso que se compreenda outro conceito de igual importância, que é o de imaginário popular. O imaginário popular refere-se ao conjunto de representações, ideias, crenças e imagens compartilhadas por um grupo de pessoas dentro de uma determinada cultura ou sociedade. É uma construção simbólica coletiva que reflete valores, mitos, estereótipos e narrativas presentes na cultura popular. Desse modo, é fácil compreender como a mídia tem tanta influência em sua formação, seja através das mídias tradicionais (jornais impressos, TV e outras) ou das mídias digitais (internet, redes sociais etc.).

O escritor e jornalista brasileiro Muniz Sodré aborda a influência da mídia na sociedade, afirmando que "os meios de comunicação são responsáveis por produzir e disseminar narrativas



que moldam a visão de mundo das pessoas, influenciando suas percepções, atitudes e comportamentos" (Sodré, 2012, p. 45).

A mídia brasileira tem desempenhado um papel ambíguo na representação das religiões afro-brasileiras. Por um lado, há uma invisibilidade e marginalização dessas práticas religiosas, refletindo preconceitos e estereótipos enraizados na sociedade. A jornalista e escritora negra brasileira Bianca Santana, por exemplo, destaca a falta de representatividade das religiões afro-brasileiras na mídia, afirmando que "a ausência de vozes negras e de uma visão não estereotipada das religiões afro-brasileiras contribui para a perpetuação de um imaginário preconceituoso e limitado" (Santana, 2018, p. 87).

Por outro lado, há momentos em que a mídia busca explorar essas religiões de forma sensacionalista, reforçando estereótipos e perpetuando estigmas. A construção das narrativas midiáticas sobre as religiões afro-brasileiras é influenciada por um contexto de racismo estrutural e colonialidade. Ainda hoje, há uma tendência em representar essas religiões de forma exótica, associando-as a elementos de magia, ocultismo e violência.

O cineasta brasileiro Joel Zito Araújo discute a forma como as religiões afro-brasileiras são retratadas no cinema, destacando a exotização e a estigmatização presentes nessas representações. Ele afirma que "os filmes muitas vezes retratam as religiões afro-brasileiras de maneira distorcida e caricata, reforçando estereótipos e perpetuando a visão de que são práticas perigosas e primitivas" (Araújo, 2008, p. 112). Essas representações estereotipadas, distorcidas e limitadas das religiões afro-brasileiras na mídia têm um impacto significativo na percepção pública, contribuindo para a construção de um imaginário popular racista e preconceituoso, reforçando a discriminação contra as comunidades afro-religiosas e limitando o reconhecimento e a valorização da diversidade cultural e religiosa do país.

Estudos acadêmicos têm demonstrado como essas representações podem influenciar a forma como as pessoas enxergam e compreendem essas práticas religiosas. Uma pesquisa realizada por Silva e Santos (2019), por exemplo, analisou a representação midiática das religiões afro-brasileiras em programas de televisão no Brasil. Os autores destacam que a maioria das representações reforça estereótipos negativos, associando essas religiões a práticas perigosas, demoníacas ou misteriosas e afirmam que "essas representações estigmatizantes contribuem para a perpetuação de preconceitos e discriminação contra as religiões afro-brasileiras" (Silva; Santos, 2019, p. 132).



Outro estudo, conduzido por Santos e Lima (2017), analisou a influência das representações midiáticas na percepção pública das religiões afro-brasileiras. Os pesquisadores concluíram que as representações negativas presentes na mídia contribuem para a formação de estereótipos e preconceitos, afetando a imagem e o reconhecimento dessas religiões pela sociedade. Eles destacam que "a mídia desempenha um papel crucial na construção das percepções públicas, e é importante problematizar e questionar as representações negativas que são veiculadas" (Santos; Lima, 2017, p. 245).

Além desses, outros estudos têm mostrado como as representações midiáticas podem influenciar a autoestima e a identidade dos praticantes das religiões afro-brasileiras. Segundo Silva (2016), a falta de representatividade positiva na mídia pode levar a uma percepção negativa de si mesmo por parte dos adeptos, resultando em uma baixa autoestima e em um sentimento de exclusão. O autor afirma que "a ausência de imagens e narrativas que valorizem as religiões afro-brasileiras contribui para a marginalização e invisibilização dessas práticas, afetando a identidade e autoestima dos praticantes" (Silva, 2016, p. 78).

Esses estudos ressaltam a importância de uma reflexão crítica sobre as representações midiáticas das religiões afro-brasileiras. É necessário questionar os estereótipos e preconceitos veiculados pela mídia e promover uma maior diversidade e representatividade na construção dessas narrativas, a fim de combater a discriminação e construir uma sociedade mais inclusiva e respeitosa.

Autores negros também têm discutido e problematizado essas representações estereotipadas, enfatizando os impactos negativos que elas têm na sociedade. O antropólogo e escritor brasileiro Kabengele Munanga aborda a construção de estereótipos raciais na mídia, destacando como eles são resultado de relações de poder e discriminação. Para ele, "os estereótipos raciais na mídia reforçam a hierarquia racial existente na sociedade, perpetuando a visão de inferioridade dos negros e contribuindo para a manutenção do racismo estrutural" (Munanga, 2010, p. 87).

No que diz respeito às religiões afro-brasileiras, o escritor e pesquisador negro brasileiro Muniz Sodré resalta a construção de estereótipos religiosos na mídia. Em seu livro "Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos", ele argumenta que "as religiões afro-brasileiras são frequentemente associadas a práticas místicas, mágicas e perigosas, reforçando estereótipos que as colocam como exóticas e inferiores" (Sodré, 2012, p. 128).

A escritora e socióloga brasileira Lélia Gonzalez também aborda a construção de estereótipos religiosos na mídia, destacando a relação entre racismo e religião. Em seu trabalho



"Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira", ela afirma que "as religiões afro-brasileiras são estigmatizadas e caricaturizadas, associadas a práticas primitivas e demonizadas pela sociedade, refletindo o racismo e a intolerância religiosa presentes no país" (Gonzalez, 1984, p. 92).

Essas citações de autores brasileiros destacam a importância de se questionar e problematizar as representações estereotipadas na mídia, tanto em relação à raça quanto à religião uma vez que a construção desses estereótipos, conforme dito anteriormente, reforça a discriminação e o preconceito, marginalizando as religiões afro-brasileiras/americanas e perpetuando uma visão distorcida e negativa dessas práticas religiosas.

3 REPRESENTAÇÕES DA RELIGIOSIDADE AFRO-AMERICANA/BRASILEIRA NA MÍDIA

A partir da década de 1950, as religiões afro-brasileiras começaram a ser retratadas na mídia brasileira, porém frequentemente marcadas por estereótipos e preconceitos. Ao longo dos anos, várias obras de diferentes formatos foram lançadas, contribuindo para a construção de um imaginário popular que muitas vezes reproduzia visões distorcidas e negativas sobre essas religiões.

Uma das primeiras representações significativas ocorreu no filme "O Grito da Terra" (1954), dirigido por Roberto Pires. O filme retrata uma comunidade afro-brasileira e suas práticas religiosas, apresentando elementos como a dança, a música e o uso de instrumentos como o atabaque. No entanto, o filme perpetua estereótipos ao retratar os praticantes das religiões afro-brasileiras como pessoas ignorantes e supersticiosas.

Outra obra que marcou a representação da religiosidade afro-brasileira na mídia foi a novela "Gabriela" (1975), baseada na obra de Jorge Amado. A personagem Gabriela, interpretada por Sônia Braga, é retratada como uma mulher sensual e misteriosa, frequentemente associada às práticas da religião afro-brasileira. Embora a novela tenha trazido visibilidade a elementos da cultura afro-brasileira, a representação de Gabriela como uma mulher exótica e sexualizada contribuiu para reforçar estereótipos raciais e sexuais.

Um exemplo emblemático é o personagem "Painho", interpretado por Chico Anysio no programa "Chico Anysio Show" na década de 1980. Painho era um sacerdote de candomblé, representado de forma caricata e exagerada, com trejeitos e falas estereotipadas. O personagem era retratado de maneira folclórica, associado a elementos místicos e exóticos que reforçavam, mais uma vez, uma visão distorcida e preconceituosa em relação às práticas religiosas afro-brasileiras.



Outro exemplo é o personagem "Salomé", interpretado por Chico Anysio no programa "Escolinha do Professor Raimundo" nos anos 1990. Salomé era uma mãe de santo que também era retratada de forma estereotipada, com roupas extravagantes, linguagem caricatural e falas que muitas vezes ridicularizavam a religião afro-brasileira, reforçando o estereótipo de que tais práticas religiosas eram apenas superstição ou objeto de piadas.

O desenho animado "Pica-Pau", por sua vez, é conhecido por suas histórias divertidas e irreverentes, exibido há anos em todo território nacional. No entanto, ao longo de sua longa trajetória, houve momentos em que o programa também perpetuou estereótipos raciais e culturais, promovendo representações negativas e preconceituosas. Um exemplo notável é o episódio intitulado "Vodu é pra Jacu". Nesse episódio em particular, lançado em 1965, Pica-Pau está em uma ilha tropical e se depara com um personagem chamado "Zé Jacaré", um estereótipo racista apresentado como ignorante, medroso e pouco inteligente. O episódio retrata negativamente a religião vodu, associando-a a práticas místicas e supersticiosas.

Essa representação caricata e preconceituosa do vodu e do personagem Zé Jacaré é extremamente problemática, pois reforça estereótipos e preconceitos arraigados sobre as religiões de matriz africana, desrespeitando suas crenças e práticas. Além disso, ao retratar o personagem de forma pejorativa, o episódio marginaliza e ridiculariza a cultura afrodescendente, contribuindo, mais uma vez, para a perpetuação de uma visão estereotipada e desrespeitosa.

É importante destacar que o episódio "Vodu é pra Jacu" reflete a mentalidade da época em que foi produzido, ou seja, uma época em que a discriminação racial e cultural era mais amplamente aceita e perpetuada na mídia. No entanto, isso não justifica ou desculpa o impacto prejudicial dessas representações que prejudica a inclusão e a valorização das culturas afro-brasileiras.

Nos filmes "Scooby-Doo"(2002) e "Bad Boys" (2003), podemos identificar personagens que retratam estereótipos preconceituosos ligados ao vodu, o que é extremamente problemático. Em relação ao filme "Scooby-Doo", é importante destacar o personagem "ZombieIsland". Neste longa-metragem de animação, o vodu é retratado como uma prática mística e obscura, associada a elementos sobrenaturais e aterrorizantes. Essa representação estereotipada do vodu alimenta a visão equivocada de que as religiões afrodescendentes são sinônimas de magia negra e perigo, reforçando estigmas e medos infundados.

Já no filme "Bad Boys", há uma cena em que o personagem interpretado por Martin Lawrence, Marcus Burnett, é enfeitiçado por um personagem vodu. Essa representação retrata o vodu como uma prática de controle e manipulação maligna, associando-o a elementos



sobrenaturais e ameaçadores, o que perpetua, novamente, estigmas e preconceitos contra as religiões afrodescendentes.

Nos anos mais recentes, a religiosidade afro-brasileira também foi representada em produções televisivas, como na novela "Amor de Mãe" (2019-2020), que trouxe uma personagem mãe de santo interpretada pela atriz Adriana Esteves. Embora a inclusão desse personagem tenha sido um avanço em termos de representatividade, a novela ainda apresentou estereótipos e clichês em relação às práticas religiosas afro-brasileiras.

É importante ressaltar que essas são apenas algumas das representações mais relevantes ao longo do período abrangido por este estudo. Existem outras obras e produções midiáticas que também contribuíram para a construção do imaginário popular sobre as religiões afro-brasileiras, tanto de forma positiva quanto negativa.

Além dessas produções, casos de associação entre as religiões afro-brasileiras e o ocultismo podem ser encontrados em reportagens e matérias veiculadas por jornais brasileiros ao longo dos anos. Um exemplo de associação inadequada é encontrado em uma matéria publicada pelo jornal "O Globo", em 2017, intitulada "Feitiçaria, magia negra e rituais macabros: os segredos da umbanda". O título e a abordagem sensacionalista do artigo reforçam a associação equivocada entre umbanda e práticas obscuras, distanciando-se da realidade dessa religião e contribuindo para estigmatizá-la.

Outro exemplo é uma reportagem do jornal "Folha de São Paulo", em 2013, intitulada "Saravá, Exu!", que abordava a relação entre as religiões afro-brasileiras e a figura do Exu. A matéria destacava elementos relacionados ao ocultismo e à feitiçaria, sem considerar o contexto religioso e espiritual dessas práticas.

É importante ressaltar que esses casos específicos são apenas exemplos entre muitos outros que ocorreram ao longo dos anos. Esses exemplos ilustram como a mídia brasileira tem associado erroneamente as religiões afro-brasileiras a práticas de magia e ocultismo, reforçando estereótipos negativos e contribuindo para a desinformação do público. Essas associações não apenas distorcem a realidade, mas também alimentam o preconceito e a marginalização dessas práticas religiosas.

Infelizmente, esses estereótipos também podem levar a consequências graves, como por exemplo linchamentos, que já ocorreram ao longo da história no Brasil. Um exemplo marcante ocorreu em 1999 quando Mãe Gilda, líder religiosa do Terreiro Ilê Axé Abassá de Ogum, em Salvador, foi vítima de um ataque violento causado devido a circulação de um jornal impresso pela Igreja Universal do Reino de Deus que acusava a ialorixá baiana de feitiçaria e charlatanismo. Mãe



Gilda faleceu pouco tempo depois no ano 2000 em consequência dos ataques sofridos junto a seus familiares. Esse caso gerou grande comoção e despertou discussões sobre a intolerância religiosa no país.

A Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (CCIR) registrou 236 casos de violência contra religiões de matriz africana entre 2015 e 2016, evidenciando a gravidade e a recorrência desses incidentes. Além disso, diversos relatórios e pesquisas indicam que as religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda, estão entre as mais afetadas pela intolerância religiosa no Brasil. O Relatório Anual de Violência contra os Povos Tradicionais de Terreiro, publicado pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, apresentou dados alarmantes sobre agressões físicas, invasões de terreiros, depredações de patrimônio e ameaças direcionadas a praticantes dessas religiões. Temos ainda o livro "Intolerância Religiosa e Racismo no Brasil", de Marco Antônio Domingues Teixeira e Ivanir dos Santos, que traz análises e relatos de casos de agressões contra pessoas de terreiro ao longo dos anos, oferecendo um panorama sobre a violência vivenciada por essas comunidades religiosas.

Esses exemplos evidenciam a triste realidade das agressões sofridas por pessoas de terreiro. É fundamental que a sociedade se mobilize para combater a intolerância religiosa, promover a diversidade e garantir o respeito aos direitos humanos de todas as pessoas, independentemente de sua religião ou crença. Ações como o fortalecimento da legislação de combate à intolerância religiosa, a criação de políticas públicas de conscientização e o incentivo à denúncia de casos de violência são passos importantes na busca por um país mais inclusivo e respeitoso com todas as manifestações religiosas.

Outro ponto que merece destaque é que as representações da religiosidade afro-americana na mídia brasileira muitas vezes tendem a exotizar e erotizar as práticas religiosas, reforçando estereótipos e distorcendo a realidade dessas tradições, contribuindo para a objetificação e a mercantilização das religiões afro-brasileiras e impactando negativamente a forma como são percebidas.

Sacerdotes e sacerdotisas das religiões afro-brasileiras têm se manifestado em relação a essa questão, denunciando a exotização e a erotização das suas práticas religiosas. Mãe Beata de Iemanjá, conhecida líder religiosa e ativista, expressou sua preocupação com a forma como a mídia retrata as religiões de matriz africana, afirmando: "Nós não somos exóticos, não somos objetos de desejo. Somos praticantes de uma religião séria, com ritos e tradições que devem ser respeitados".



Também é importante destacar o depoimento de Pai Rodney de Ogum, que expressou sua frustração com a erotização das práticas religiosas afro-brasileiras, dizendo: "Nossas práticas religiosas são sagradas e não devem ser reduzidas a uma questão de sensualidade e erotismo. Isso é uma afronta à nossa espiritualidade e desvaloriza nossas crenças".

Esses depoimentos de sacerdotes e sacerdotisas reforçam a importância de desconstruir as representações exotizadas e erotizadas das religiões afro-brasileiras na mídia. A mulher negra, em geral, é vista há centenas de anos como “quente”, “fogososa” e outros adjetivos de objetificação e hipersexualização, sendo tratada como objeto de divertimento e prazer para a branquitude do país e os consumidores de seus ideais racistas. Uma vez construída essa imagem sobre o corpo negro, é inevitável que a religião advinda do povo negro também sofra com tal classificação, sendo exposta em rede nacional não só como maligna e diabólica, como vimos antes, mas também como libertinosa e lasciva, sendo que até mesmo suas divindades femininas são classificadas como mulheres sensuais, vulgares e receptivas a tudo que lhes é imposto neste sentido.

É fundamental que a mídia promova uma abordagem respeitosa, buscando compreender e retratar as práticas religiosas afro-brasileiras em sua dimensão espiritual, sem reduzi-las a estereótipos sensacionalistas ou explorar aspectos que possam alimentar fantasias e objetificação.

Entretanto, historicamente os meios de comunicação têm contribuído para a invisibilização e a marginalização das religiões afro-brasileiras, relegando-as a um espaço periférico e muitas vezes ignorando sua importância e contribuição para a cultura e a identidade brasileira. Autores negros têm abordado essa questão, destacando a necessidade de reconhecimento e valorização das religiões afro-brasileiras na mídia e na sociedade como um todo.

Abdias do Nascimento, renomado intelectual e ativista negro brasileiro, em seu livro "O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado", ressalta a invisibilização das religiões de matriz africana na mídia e a consequente marginalização de suas comunidades. Segundo o autor, a mídia e a sociedade marginalizam as religiões afro-brasileiras, perpetuando a ideia de que suas práticas são inferiores e desprovidas de importância cultural e espiritual (Nascimento, 1978).

Kabengele Munanga, em seu livro "Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra", destaca como a mídia brasileira tende a privilegiar e promover apenas determinadas manifestações religiosas, enquanto relega as religiões afro-brasileiras ao esquecimento, uma vez que a invisibilidade midiática das religiões afro-brasileiras contribui para a perpetuação do racismo religioso e da negação da identidade negra no Brasil (Munanga, 2004).



Esses autores evidenciam a importância de reconhecer e combater a invisibilização e a marginalização das religiões afro-brasileiras na mídia. É necessário promover uma representação mais justa e equilibrada, que valorize e respeite as práticas religiosas afro-brasileiras, reconhecendo sua relevância histórica, cultural e espiritual na formação da identidade brasileira.

As representações da religiosidade afro-americana na mídia têm profundos reflexos nas relações sociais e contribuem para o fortalecimento do preconceito estrutural presente na sociedade. O pensador e ativista Frantz Fanon (1952) abordou essa questão em sua obra "Pele Negra, Máscaras Brancas", destacando como as representações estereotipadas e discriminatórias na mídia impactam a percepção e o tratamento dado aos indivíduos negros. O autor afirma que a mídia exerce um importante papel sobre a construção da imagem do negro, sendo responsável, muitas vezes, por alimentar um imaginário discriminatório e racista (Fanon, 1952).

No Brasil, a grande estrutura identificada como "racismo estrutural" - que consiste na aplicação de ideias racistas em todos os âmbitos da sociedade de maneira discreta e velada contra indivíduos negros a fim de empurrá-los à marginalidade - se alimenta e se fortalece ainda mais através da exemplificação do negro estereotipado como vagabundo, marginal, vadio, sujo, maligno, lascivo e uma série de outras características negativas.

No contexto das representações da religiosidade afro-americana, a mídia muitas vezes retrata as práticas religiosas afro-brasileiras de forma estereotipada e negativa, associando-as a práticas mágicas, perigosas ou demoníacas. Além disso, as representações midiáticas também afetam as relações sociais, influenciando a forma como as pessoas interagem com os praticantes das religiões afro-brasileiras. Essas representações estereotipadas podem gerar discriminação, preconceito e exclusão social.

Fanon ressalta a importância de questionar e resistir a essas representações, afirmando que devemos nos libertar das amarras da representação negativa e reivindicar nossa humanidade plena (Fanon 1952). É crucial que a mídia assuma a responsabilidade de representar as religiões afro-brasileiras de maneira justa e respeitosa, desafiando estereótipos e contribuindo para a construção de uma sociedade mais igualitária e livre de preconceitos.

As representações negativas e estereotipadas da religiosidade afro-americana na mídia não apenas afetam as percepções da sociedade em geral, mas também têm um impacto significativo na identidade e autoestima dos praticantes dessas religiões. Frantz Fanon (1952), em seu livro "Pele Negra, Máscaras Brancas", explora as complexidades da construção da identidade negra em uma



sociedade racista, e suas reflexões são relevantes para compreender o impacto dessas representações midiáticas.

Fanon argumenta que a opressão racial e as representações negativas impostas pela sociedade branca levam à internalização do racismo pelos indivíduos negros, resultando em uma baixa autoestima e em uma sensação de inferioridade. Ele afirma que o negro, ao ser confrontado com as imagens depreciativas disseminadas pela sociedade dominante, internaliza essas visões negativas e passa a questionar sua própria humanidade (Fanon, 1952).

No contexto das representações da religiosidade afro-americana, as imagens estigmatizadas e estereotipadas veiculadas pela mídia podem reforçar sentimentos de vergonha e inferioridade entre os praticantes. Isso ocorre devido à associação dessas religiões com a marginalização social, a violência e a magia negativa, entre outros estereótipos prejudiciais.

Essas representações distorcidas podem gerar uma percepção negativa de si mesmo e de sua própria religião. Fanon observa que a internalização do racismo leva o indivíduo negro a rejeitar suas próprias características e a buscar se aproximar dos padrões brancos dominantes (Fanon, 1952). Portanto, os praticantes das religiões afro-brasileiras podem enfrentar conflitos internos em relação à sua identidade religiosa e podem ser levados a negar ou a esconder suas práticas em busca de aceitação social.

É fundamental que as representações midiáticas sejam revisadas e que sejam promovidas narrativas mais inclusivas e positivas em relação à religiosidade afro-brasileira. Isso ajudaria os praticantes a se reconhecerem e valorizarem suas próprias identidades, contribuindo para a construção de uma autoestima positiva e uma sensação de orgulho cultural.

Lélia Gonzalez, em seu texto "A categoria político-cultural de amefricanidade", também ressalta a perpetuação de estigmas e discriminação através das representações midiáticas. Lélia afirma que as religiões de matriz africana no Brasil são frequentemente alvo de associações com práticas consideradas supersticiosas, rituais com conotação de violência e atraso cultural, resultando na perpetuação de estereótipos negativos e na geração de discriminação contra aqueles que as praticam. (Gonzalez, 1988).

Abdias do Nascimento, em seu livro "O Genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado", destaca como as representações midiáticas contribuem para a estigmatização das religiões afro-brasileiras e a negação de sua importância cultural. O autor afirma que a ideia de inferioridade, primitivismo e periculosidade das religiões afro-brasileiras é constantemente



reforçada pela mídia e pela sociedade em geral, levando à discriminação e marginalização daqueles que as seguem (Nascimento, 1978).

Essas citações evidenciam a forma como as representações midiáticas contribuem para a criação e a manutenção de estigmas e preconceitos em relação às religiões afro-brasileiras. A associação dessas religiões a práticas supersticiosas, violência ou atraso cultural reforça estereótipos negativos que perpetuam a discriminação e a exclusão.

Para combater essa perpetuação de estigmas e discriminação é necessário promover uma representação mais justa e equilibrada das religiões afro-brasileiras na mídia. É fundamental desafiar os estereótipos e valorizar a riqueza cultural e espiritual dessas práticas religiosas, promovendo a conscientização e o respeito em relação aos seus praticantes.

4 CONCLUSÃO

Ao longo deste artigo, analisamos as representações da religiosidade afro-americana na mídia brasileira como construtoras de um imaginário popular racista e preconceituoso. Foi possível observar como a mídia desempenha um papel significativo na formação de opinião e na construção de estereótipos raciais e religiosos, perpetuando assim o racismo religioso na sociedade brasileira.

Durante a leitura do trabalho em questão, um fato interessante a se perceber são as semelhanças dos diversos mecanismos de opressão e estigmatização presentes em diferentes locais ao longo da diáspora negra. Cabe ressaltar que parte dos materiais audiovisuais citados durante a pesquisa é de origem estadunidense, que de maneira muito semelhante e por diversas vezes de forma explícita, busca ridicularizar a religiosidade de matriz africana, descrevendo-a como tola e fetichista.

Vale lembrar que os Estados Unidos da América é um país que bate recorde de produção e distribuição internacional de conteúdo audiovisual no mundo como filmes, desenhos, séries etc., ou seja, essa visão negativa, racista e preconceituosa alcança inúmeros países, com os mais variados grupos étnicos e culturais.

Por fim, refletimos sobre a importância da educação na desconstrução do racismo religioso, reconhecendo a necessidade de se promover uma educação inclusiva, que valorize a diversidade religiosa, desconstrua estereótipos e fortaleça a identidade e a autoestima dos praticantes das religiões afro-brasileiras.



Pode-se concluir que a conscientização, a educação e o combate ao preconceito são fundamentais para desconstruir as representações negativas e construir um imaginário popular mais respeitoso e inclusivo em relação às religiões afro-brasileiras. Espera-se que este trabalho possa contribuir para a reflexão e ações concretas no sentido de promover a valorização e o respeito às religiões de matriz africana em nossa sociedade, de modo a reverter o imaginário popular racista presente no Brasil que foi apresentado e destrinchado ao longo deste artigo em um imaginário produtivo, sadio e respeitoso em relação aos elementos culturais e religiosos do povo afro-brasileiro e afro-americano em geral.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Gabriela, cravo e canela**. Rio de Janeiro: Record, 1975.

AMOR DE MÃE. Criação de Manuela Dias. Direção de José Luiz Villamarim. [S.l.]: Rede Globo, 2019–2020.

ARAÚJO, Joel Zito. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: Senac, 2008.

BAD BOYS II. Direção de Michael Bay. Columbia Pictures, 2003.

CHICO ANYSIO SHOW. Direção de Chico Anysio. Rede Globo, 1980.

ESCOLINHA DO PROFESSOR RAIMUNDO. Direção de Chico Anysio. Rede Globo, 1990.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Pallas, 2014.

EXPORELIGIÃO. **Entrevista com Mãe Beata de Iemanjá**. 2013.

FANON, F. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. UFRJ, 1952.

FOLHA DE SÃO PAULO. **"Saravá, Exu!"**. 2013.

GABRIELA. Direção de Walter Avancini. Adaptação de Walter George Durst. Produção de Rede Globo. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1975.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**, v. 92, 1988.

GONZALEZ, Lélia. **Lugar de negro**. Marco Zero, 1980.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. Anita Garibaldi, 1984.



- HIKJII, R. R. **Brasil em transe: a demonização dos cultos afro-brasileiros**. EDUSP, 2001.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo: Diário de uma favelada**. Francisco Alves, 1960.
- KERTÉSZ, Chico. **Documentário "Axé: Canto do Povo de um Lugar"**. 2016.
- MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. Autêntica, 2010.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude: Usos e sentidos**. Ática, 2011.
- NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: Processo de um racismo mascarado**. Paz e Terra, 1989.
- O GLOBO. **"Feitiçaria, magia negra e rituais macabros: os segredos da umbanda"**. 2017.
- PIRES, Roberto. **O Grito da Terra**. 1954.
- REBELO, Pedro. **Após 22 anos da morte de Mãe Gilda de Ogum, casos de intolerância religiosa permanecem atingindo majoritariamente negros e pessoas de religiões de matriz africana**. KOINONIA, 2022.
- REDE GLOBO. **Entrevista concedida por Mãe Beata de Iemanjá ao programa "Encontro com Fátima Bernardes"**. 2016.
- REIS, J. J. **O livro dos milagres: a liturgia do milagre no Brasil**. Companhia das Letras, 1993.
- SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. Editora SESI, 2015.
- SANTOS, R.; LIMA, M. A influência das representações midiáticas na percepção pública das religiões afro-brasileiras. **Revista de Estudos da Comunicação**, v. 24, n. 2, p. 238-253, 2017.
- SARNO, Graldo. **Candomblé: Espaço Sagrado**. Ancine, 1975.
- SCOOBY-DOO**. Direção de Raja Gosnell. Warner Bros., 2002.
- SILVA, C. M. Religiões afro-brasileiras na mídia: Representações, identidade e autoestima. **Revista de Estudos da Comunicação**, v. 22, n. 1, p. 71-84, 2016.
- SILVA, J. A.; SANTOS, M. C. Representações midiáticas das religiões afro-brasileiras: Um estudo de caso na televisão brasileira. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, v. 42, 2019.
- SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: A forma social negro-brasileira**. Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999.
- SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: A comunicação e seus produtos**. Vozes, 2012.



VERGER, P. **Orixás**: deuses iorubás na África e no Novo Mundo. Corrupio, 1981.

TARDELI, Brenno. **O poder de realizar de Pai Rodney de Oxóssi**. A carta capital, 2022.

TAVARES, Octávio. **O grito da terra**. Rio de Janeiro: Editora Brasil, 1954.

VODU É PRA JACU. Episódio da série Pica-Pau. Universal Pictures, 1961.

Enviado em: 22/08/2024
Aceito em: 20/12/2024